

de hoje, senhores de novas orientações lingüísticas, têm feito algumas objeções ao livro: um enfoque sociolingüístico mais patente, o problema dos crioulos e semicrioulos, a questão da “unidade” de nossa língua falada, o conceito de estilo nacional, a origem caipira da fala interiorana, a “linguagem bandeirante”, o conceito de “decadência” aplicada à língua literária atual etc. Sílvio Elia, no seu recente livro *A Unidade Lingüística do Brasil* (Rio, Padrão, 1979), discutiu algumas dessas questões. Em ciência a discussão desapassionada é até muito salutar, e um livro que merece discussões de alto nível é um livro que fica.

**ENSAIO DE ESTILÍSTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA, de  
Gládstone Chaves de Melo** (Rio de Janeiro, Editora Padrão, 1976).

Estará Morta a Estilística?

Adriano da Gama Kury

A revista *Langue Française*, em seu fascículo 3, dedicado à estilística (Larousse, 1969), assim iniciava o artigo de abertura:

“Foi tarefa embaraçosa elaborar este fascículo consagrado à “estilística”. À medida que seu trabalho avançava, os infelizes editores do número faziam com inquietação uma série de comprovações cada vez mais incômodas, já que vinham pôr em jogo a legitimidade dela, e até a possibilidade da sua tarefa. Primeira comprovação: a estilística parece quase morta.”

Antes de definitivamente constituída, a novel pretensa ciência agonizava... E marcavam-se alguns momentos importantes dessa agonia: a estilística debatendo-se entre a descrição lingüística estrutural de textos literários, a teoria da literatura, a semiótica e a semântica estrutural, a que “acabou de subordinar-se inteiramente”.

Discordando dessa falsa comprovação, na “teimosa convicção de que passará a presente borrasca e de que homens e mulheres voltarão a apreciar o belo literário (...) numa forma lingüística apurada, inteligível e permanente”, o Prof. Gládstone Chaves de Melo publica este *Ensaio*, numa reação salutar contra as “diversas, inseguras e sucessivas novidades (...) vazadas numa forma pouco vernácula e bastante esotérica” dos textos literários.

É generalizada a queixa: “Os alunos das nossas escolas superiores já estão fatigados das teorias da literatura e de sua hermética terminologia”; “querem outros alimentos que não o programa epistemológico da obra, o

substrato acústico do culminador, o espaço heterotópico, o elemento supra-segmental” – e tantas outras denominações quejandas, quase sempre vazias.

É contristador que se veja um poema de Drummond ou um romance de Graciliano reduzido a fórmulas alfanuméricas, quadros e tabelas que não levem a nada.

E é por isso mesmo animador que os estudantes tenham agora ao seu dispor um livro claro, limpo e rico de sugestões para uma análise estilística menos fechada – límpida, em suma.

Optou o Autor por uma Estilística da Expressão aplicada à língua portuguesa, nas trilhas sugeridas por Marouzeau e Cressot (que seguiram de perto a Bally) e mais recentemente por Guiraud.

Parte ele de um ponto crucial: a escolha: “Aí está a alma do estilo. A língua oferece possibilidades: o sujeito elege uma e rejeita outra.”

É claro que “qualquer fala resulta de escolha, mas nem toda fala é estilo”: há escolha inevitável e escolha elaborada: “As normas obrigatórias pertencem à gramática; as facultativas à estilística” – já dizia Devoto, citado pelo Autor.

“Enquanto a gramática faz a anatomia da língua, sistematizando fatos, a estilística se preocupará com as funções ou valores expressivos e impressivos.”

Dá-nos assim G. C. M. uma estilística geral: estudam-se os processos da língua portuguesa, e não os de um autor particular, visto que a unicidade de cada texto tornaria impossível a estilística do indivíduo, pois “não há ciência do particular”.

Pode-se achar conservadora a perspectiva do Autor; o que não tira a validade do livro, “trabalho acentuadamente didático, desprezível aos iniciados nas recentes especulações e técnicas das ciências da linguagem”.

Depois das ‘Noções Propedêuticas’, de que demos idéia sucinta, trata G. C. M. da ‘Utilização do Material Sonoro’, passando a um Intermezzo sobre a Morfoestilística, até oferecer-nos, na melhor parte do livro, uma substanciosa ‘Sintaxe em Perspectiva Estilística’, terminando com uma ‘Estilística da Palavra’. Toda a teoria é corroborada por bem escolhida exemplificação de autores de língua portuguesa, de Camões a Guimarães Rosa.

Ao lado de uma sistematização inteligente dos meios expressivos que a língua põe à disposição do falante, o Autor oferece, em vários pontos do livro, sugestões interessantes de trabalho. Primeiro, na transcrição oportuna de Marouzeau (pp. 48-49); depois na p. 118, quando expõe a dificuldade de conceituar uma “morfoestilística”; na p. 155, sugestão para um “estudo paciente e longo” sobre a frequência do artigo (seria mesmo artigo?) precedendo os possessivos.

É de notar a falta de um capítulo sobre a expressividade das várias formas de indicar as falas (discursos direto, indireto e indireto livre), campo de ricas perspectivas estilísticas.

O livro aí está, na sua modéstia de *Ensaio*, à disposição do estudioso dessa matéria que se mantém ainda indecisa quanto ao seu objeto. Dá margem, felizmente, a uma série de debates e indagações. Registramos aqui apenas algumas, já que o local e a limitação de espaço não nos permitem estender.

– A morfologia dá ou não margem a uma exploração por parte da estilística?

– É válida ou não a “estilística do indivíduo”, ao lado da “estilística da expressão”?

– É possível, hoje em dia, dar contornos mais nítidos ao “objeto fugidio” da estilística?

E por último:

– Nos vários e multiplicados rumos que tomou, não estará mais viva do nunca a estilística?

(In *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20/3/1977.)